

## PROFESSORES E LICENCIANDOS NARRADORES DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA DE ESCRITA

*Liliane Silva Antiqueira*  
*Universidade Federal do Rio Grande*  
*lilianeantiqueira@furg.br*  
*Celiane Costa Machado*  
*Universidade Federal do Rio Grande*  
*celianecmachado@yahoo.com.br*

### **Resumo:**

Essa investigação apresenta uma proposta de escrita desenvolvida com professores e alunos da licenciatura em Matemática, envolvidos em um programa de iniciação à docência, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tal proposta baseia-se na produção de narrativas em que os cenários, personagens e enredos fazem parte do contexto educativo. Como resultado, foi observado que parte dos enredos das histórias estão relacionados com as vivências pessoais e profissionais dos participantes e que essa prática possibilitou-os conhecerem outras histórias, outras salas de aula e relacioná-las com o seu processo formativo.

**Palavras-chave:** Escrita; narrativas; processo formativo

### **1. Introdução**

A formação de professores é um dos principais temas de investigação na Educação Matemática. Atualmente, as pesquisas têm incidido sobre alternativas para melhorar a prática pedagógica do professor, além de compreender como o professor constrói significados e percebe sua vida profissional (FIORENTINO e LORENZATO, 2012). Para isso, uma das possibilidades é a produção de narrativas, em que os professores podem (re)criar episódios e narrá-los de forma oral ou escrita. Nesse sentido, a narrativa é concebida como um processo de reflexão pedagógica e de formação, além de um método de investigação em educação (GALVÃO, 2005).

No contexto da Educação Matemática, Freitas e Fiorentini (2007) apontam diversas experiências de escrita de narrativas realizadas por alunos e professores. Com base nisso, entende-se que o ato de narrar pode contribuir para o ensino e aprendizagem da Matemática, além de propiciar ao aluno “ir além” do formalismo da escrita acadêmica.

Partindo do princípio que toda narrativa pode ser considerada uma história, pois apresenta um momento vivido (LARROSA, 1998), desenvolveu-se uma proposta de escrita com base na produção de narrativas. O público - alvo foi composto por licenciandos e

professores<sup>1</sup> envolvidos no subprojeto Matemática do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência – PIBID, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Essa experiência faz parte de um conjunto de ações decorrentes de uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências – PPGEC.

Com relação ao PIBID, este é um programa de formação que articula três eixos importantes da sociedade: universidade – escola – comunidade. Esse entrelaçamento ocorre pelo coordenador institucional responsável pela organização do projeto no âmbito da Instituição de Ensino Superior – IES, os coordenadores de áreas, docentes das licenciaturas, responsáveis pelo desenvolvimento dos subprojetos e, os supervisores, professores das escolas públicas, designados para acompanharem os licenciandos de iniciação à docência nas escolas.

A partir dessa configuração, o programa se consolida na FURG com 265 licenciandos que atuam com 21 docentes da universidade e 46 professores supervisores de 32 escolas, conforme edital nº 061 CAPES (2014). A finalidade é integrar ações de 16 subprojetos ligados a cursos de licenciaturas, dentre os quais, destaca-se nesse trabalho, o subprojeto Matemática, formado por 12 licenciandos, dois professores supervisores e um professor coordenador.

O PIBID - FURG acredita no potencial formativo da escrita e, por isso, desenvolve algumas atividades ancoradas nas narrativas, na criação de histórias de sala de aula, na elaboração de relatórios, na produção de portfólios e outras ações (PROJETO INSTITUCIONAL, 2015). Sem dúvida, são ações que auxiliam alunos e professores a revelar suas dúvidas, realizações, experiências, escolhas, inseguranças e outros. Nesse viés, existem diversas pesquisas que abordam alguns dispositivos de escrita, como os diários de aula (ZABALZA, 2004); as abordagens (auto) biográficas (PERES e ZANELLA, 2011; PASSEGGI, VICENTINI, e SOUZA, 2013); as narrativas (BENJAMIN, 1994; CLANDININ e CONNELLY, 2000; GALVÃO, 2005; FREITAS e FIORENTINI, 2007), as cartas (SANTOS, 2009), entre outros.

Nessa perspectiva, a comunicação escrita na formação de professores também é o foco de muitos pesquisadores (FREITAS, 2006; ALMEIDA, 2007; BRUNER, 1991, 2007; MELO, 2008; BELTRÃO e GONZAGA, 2013; BERGAMASCHI e LANGE, 2013; NACARATO e LOPES, 2013) pois a sua utilização amplia a possibilidade de aprendizado e proporciona refletir criticamente sobre o que está sendo estudado e sobre as experiências

---

<sup>1</sup> A denominação dada neste artigo, aos termos licenciandos e professores, referem-se, respectivamente, aos acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática e aos professores supervisores, participantes do PIBID.

dentro e fora da sala de aula. Pensando nisso, esta pesquisa relata o desenvolvimento de uma prática de escrita, que teve a intenção de auxiliar os professores e licenciandos na elaboração de histórias de sala de aula. A seguir, detalha-se o encaminhamento da atividade, os resultados e, por fim, as conclusões.

## **2. A escrita de histórias em um espaço de formação inicial e continuada de professores de Matemática**

Uma das premissas que fundamenta o desenvolvimento do PIBID - FURG é o exercício da escrita como prática de formação, tanto inicial quanto continuada. Para isso, os participantes possuem a tarefa da escrita de histórias de sala de aula, ou seja, a produção de uma diversidade de narrativas sobre acontecimentos e experiências, que possibilitam aos professores e estudantes da licenciatura, uma visão sobre o que é ser professor, as dificuldades, expectativas e surpresas da profissão. Tudo isso, com a intencionalidade de expressar o que acontece na sala de aula e/ou contar fatos que estão presentes no ambiente escolar.

Um dos resultados dessa prática de escrever histórias é a criação do Álbum de Histórias do PIBID - FURG contendo produções de todos os subprojetos da universidade. Desde o primeiro edital do programa em 2007, foram lançadas três edições do álbum (GALIAZZI e PAULITSCH, 2011; COLARES, GALIAZZI e PAULITSCH, 2013; COLARES, GALIAZZI e PAULITSCH, 2014). São histórias de si e de outros, que fazem pensar a respeito da importância de ser professor. Galiazzi e Paulitsch (2011) ressaltam:

A publicação apresenta uma diversidade de temas que pode suscitar muitos debates relativos à educação e à formação de professores. Estão presentes questões socioeconômicas, de ética, de gênero. Também constituem focos de abordagem a valorização do interesse pela produção do conhecimento e a autocrítica do educador quanto a sua presunção de detentor do saber. [...] um trabalho que, esperamos, inspire outras atividades a serem contadas e possa dar vazão a outros modos de expressá-las. [...] promova o pensar sobre a sala de aula como lugar de presença, acolhimento, afeto e participação. (2011, p.3)

No entanto, expressar-se por meio da escrita nem sempre é uma tarefa fácil. Algumas dificuldades concentram-se no fato de não saber o que escrever e por onde começar. Em face disso, desenvolveu-se uma metodologia para auxiliar os licenciandos e os professores participantes do subprojeto Matemática na produção das histórias. A aplicação da atividade foi no segundo semestre de 2014 e conciliada com as demais tarefas do programa. A Tabela 2.1 mostra uma síntese da estratégia realizada.

Tabela 2.1: Detalhamento da atividade

<b>Etapas</b>	<b>Descrição</b>
<b>I</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversa em roda sobre os elementos de uma narrativa (personagens e seus tipos, a organização do enredo, tipos de discurso, tipos de narrador, entre outros elementos).</li> </ul>
<b>II</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do Álbum de Histórias - PIBID FURG - 2011 e conversa sobre a importância da escrita de histórias de sala de aula.</li> <li>• Em duplas, foi solicitado aos participantes que escolhessem uma história do álbum e respondessem por escrito as questões: O que foi narrado, contado? O que aconteceu? Quando aconteceu? Onde o fato aconteceu? Com relação aos personagens, estes foram apresentados de forma direta ou indireta? Quem participou ou observou o ocorrido? Qual o tipo de narrador? Por que foi narrada esta história? Como se deu o fato? Como o enredo está organizado, de forma linear ou não linear? Sobre os tipos de discurso, direto e indireto, qual deles está presente na história? Qual seria outro desfecho para esta história?</li> <li>• Posteriormente, cada dupla contou na roda a história escolhida do álbum e respondeu oralmente a pergunta “O que esta história me fez pensar?”. Nesse momento todos participaram com perguntas e reflexões a cerca das temáticas das histórias.</li> </ul>
<b>III</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os professores e licenciandos foram convidados a escreverem a sua história de sala de aula.</li> </ul>
<b>IV</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A hora e a vez de contar na roda: cada professor compartilhou na roda a sua história. Todos contribuíram com sugestões de títulos, palavras, personagens, etc, e expuseram dúvidas e questionamentos sobre acontecimentos relacionados a sala de aula.</li> <li>• Em seguida, a partir da reflexão de Barbosa (2012) de que “Escrever é também descobrir o outro. Descobrir a realidade do outro. Transformar-se imaginariamente no outro. [...] Através das palavras do outro, conhecemos sua vivência”, o grupo foi convidado a responder por escrito duas questões: ao ouvir a história dos colegas, o que pudesses descobrir/aprender/conhecer do outro? Escreva o motivo que levou você a escolher o tema/enredo da sua história.</li> </ul>
<b>V</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao final, os professores e licenciandos leram e reescreveram algumas frases e trechos de suas histórias fazendo alterações no sentido de aprimorar a escrita. Depois disso, fizeram a postagem da história na plataforma Moodle. Cada narrativa foi lida e retornada aos respectivos autores, que, a partir das contribuições, puderam reescrever e postarem a versão final.</li> </ul>

Durante a atividade foi estabelecido o constante diálogo com os professores e licenciandos os quais puderam expor dúvidas, questionamentos e exemplos de personagens e enredos. Alguns recordavam sobre os elementos de uma narrativa, porém outros estavam confusos quanto aos conceitos sobre os tipos de discurso e tipos de narrador. Isso possibilitou problematizar as seguintes interrogações: a cada dia quantas histórias se relata? Quantas se ouve? O cotidiano é repleto de inumeráveis narrações, ou seja, quase todo o tempo conta-se e ouve-se histórias (BARBOSA, 2012). Ao final da conversa, ficou evidenciado que todos tinham muitas histórias para contar.

Na sequência da atividade, os professores destacaram os elementos básicos da narrativa a partir de uma história escolhida do álbum. Foi fundamental lembrar os personagens, enredos, o lugar em que os fatos aconteceram e todos os aspectos presentes em uma narrativa. Quando questionados sobre “O que esta história me fez pensar?”, muitos relacionaram o enredo da narrativa escolhida aos acontecimentos vivenciados na sala de aula ou quando foram alunos. Isso aparece no depoimento de uma professora sobre

o que aprendeu ao ouvir a história do colega e o motivo que a levou a escolher o tema/enredo da sua história.

Ao ouvir a história dos colegas somos levados a realizar uma reflexão acerca da postura que assumiríamos diante da situação narrada, ou até mesmo nos identificarmos, nos familiarizarmos com fatos, que muitas vezes, pensamos que só acontecem conosco, mas que na verdade são angústias e realidades partilhadas com outros colegas. A minha história surgiu de uma situação real que vivenciei na sala de aula [...].

Conforme o comentário, nota-se as compreensões e reflexões que o ato da escuta proporcionou à professora. Bruner (2007) afirma que as histórias que lemos e ouvimos nos remetem sempre às nossas próprias histórias, às nossas experiências pessoais e, por esta razão, os participantes se identificaram com os personagens e enredos. Ao ouvir uma narrativa fica-se atento no que o narrador tem a dizer, a compartilhar, a contar. Para Barbosa (2012), a prática das narrativas possibilita:

Criar histórias, tramas, enredos. Construir personagens. Lugares e momentos. Diferentes modos de contar, diferentes vozes narrativas. Exercer a capacidade criadora da imaginação, conjugando-a com a memória, com o conhecimento que temos de nós mesmos, dos outros, do mundo. Narrar é uma atividade mais complexa do que a de descrever, uma forma mais funda de conhecer e de construir o real, tanto do vivido como do possível. (2012, p. 12)

Posteriormente, os participantes foram desafiados a produzirem uma história de sala de aula. Constatou-se que os professores conseguiram criar o enredo sem dificuldades aparentes, pelo fato de terem vivenciado diversas situações no ambiente escolar. Depois do processo de escrita, o momento “A hora e a vez de contar na roda” foi bastante positivo, pois teve a colaboração e a reflexão dos colegas quanto ao enredo construído, e inclusive, sugestões de títulos e palavras, contribuindo com a reescrita das histórias. Além disso, os participantes puderam aprender com as experiências reveladas pelos colegas na leitura das histórias, conforme relata um licenciando.

Foi ótima a ideia dos colegas lerem suas histórias. Embora eu não tenha gostado de ler. Uns acabam aprendendo com as experiências dos outros e sabendo como agir em certas situações. O que me levou a escolher o meu tema foi uma experiência que tive em sala de aula [...].

Assim como a escuta, a leitura das histórias se deu a partir de um processo dialógico e aproximativo, na medida em que coloca o autor – licenciando ou professor – no interior de “realidades”, de “ambientes”, de “ideias” e de “pessoas” (PERISSÉ, 2011). Essa situação fica evidenciada no depoimento de outro licenciando.

Ao realizarmos as leituras de nossas histórias de sala de aula, eu tomei conhecimentos de diversas situações diferentes, que até mesmo poderei vivenciar em sala de aula. [...] histórias que contavam situações parecidas com algumas das minhas vivências [...]. A escolha que fiz em relação ao tema partiu de uma

reflexão nos problemas atuais da educação [...]. Muitos dos alunos que não demonstram interesse na escola não possuem uma estrutura familiar [...].

Foi possível observar a presença das experiências pessoais e profissionais de cada integrante na escolha do enredo para a escrita da narrativa. Muitos buscaram fatos ocorridos na época do ensino fundamental, em estágios da graduação e em sonhos realizados. Bruner (2007) defende que “ao narrar, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram ‘esquecidos’ no tempo”. E ainda, o autor ressalta que “buscamos não somente trazer informações sobre nossa história, mas, sim, estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias” (p.51). Isso vai ao encontro da fala de um licenciando apresentado no trecho a seguir.

A cada história que foi lida nesta sala de aula, me fez refletir a ponto de algumas vezes me sentir personagem. Isso aconteceu pois me identifiquei, como por exemplo, a colega que relatou o sonho de ser professora desde criança, minha história real, claro que não foi igual a dela, mas em parte me fez lembrar de situações já vivenciadas. Isso mostra a importância de ouvir e conhecer a escrita do outro.

São vivências que, se contadas e refletidas, podem contribuir na formação desses sujeitos e na maneira de como lidar com situações que possam enfrentar em sala de aula, tornando-os mais autônomos. Sobre a escolha do enredo, outro licenciando relata que:

O tema da minha história foi baseado em situações que vivenciei nos tempos em que estava no ensino fundamental. Sempre que era dia de prova ficávamos apreensivos com a avaliação.

Diversas realidades se fizeram presentes nas situações vivenciadas e imaginadas pelos professores e licenciandos. Benjamin (1994) acrescenta que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Surge então, a necessidade de propor atividades para que os professores em formação, inicial e continuada, escrevam, revelem suas experiências e socializem suas histórias.

A atividade foi finalizada quando os professores fizeram a postagem da versão inicial da história na plataforma Moodle. Para cada narrativa foram feitas contribuições baseadas tanto em aspectos formais, como também, na dimensão dialógica da escrita e retornada aos autores, que novamente reescreveram e postaram a versão final.

### **3. Considerações finais**

A partir da análise dos depoimentos foi possível perceber que a produção de narrativas contribuiu para os professores e os licenciandos refletirem sobre experiências vivenciadas nas aulas de Matemática. Muitas histórias estão relacionadas com as atividades por eles desenvolvidas no PIBID, uma vez que, é pela participação no programa, que alguns licenciandos têm sua primeira inserção no ambiente escolar.

Também foi notório, os diálogos estabelecidos e a partilha de conhecimentos entre os professores e os licenciandos. Isso se justifica pela maneira que a atividade foi desenvolvida possibilitando momentos de conversa na roda de formação. Outro ponto a ser destacado foi a reescrita das narrativas, a qual implicou em rever todo o processo da elaboração da escrita, dando a oportunidade aos participantes de repensar os fatos contados e argumentados, voltar no texto e reorganizar sua escrita.

As reflexões apresentadas nessa investigação buscam evidenciar os desafios ainda presentes na prática da escrita e o quanto é difícil tornar o registro um hábito em determinados cursos de formação. Nesse sentido, ao escrever histórias e dialogar com outras histórias, o professor estará num constante processo de formação e troca de experiências.

#### 4. Referências

ALMEIDA, Benedita. **A escrita na formação continuada de professoras alfabetizadoras: práticas de autoria.** 2007. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.

BARBOSA, Severino A. M. **Redação: escrever é desvendar o mundo.** 21ª Ed., Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BELTRÃO, Isabel S. L.; GONZAGA, Amarildo M. **Narrativas de professores de Matemática: Desafios nas Práticas Docentes.** Curitiba: Appris, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** SP: Brasiliense, 1994.

BERGAMASCHI, Rosi Isabel; LANGE, Mariana de Bastiani. (Orgs.) **Fragmentos: escritos de vida em oficina de escrita.** 1ª Ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

BRUNER, Jerome. A narrativa: registro e partilha de histórias. In: PRADO, Guilherme V. T.; SOLIGO, Rosaura. (Orgs.) **Porque escrever é fazer história: Revelações, Subversões, Superações.** Campinas, SP: Alínea, 2007.

BRUNER, Jerome. **The narrative construction of reality.** *Critical Inquiry*, Chicago, v. 18, p. 1-21, 1991.

CAPES. Resultado EDITAL Nº 061/2013. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/30102014-Projetos-Pibid-2013-a-partir-de-marco-de-2014.xlsx>> Acesso em 28 dez de 2014.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.

COLARES, Ioni Gonçalves; GALIAZZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian da Silva (orgs). **Álbum do PIBID FURG**. 2. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 60 p. 2013.

COLARES, Ioni Gonçalves; GALIAZZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian da Silva (orgs). **Álbum do PIBID FURG**. 3. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 72 p. 2014.

FIORENTINO, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

FREITAS, M. **A escrita no processo de formação contínua do professor de Matemática**. 2006. Tese (Doutorado em Educação), Campinas/SP, Faculdade de Educação, Unicamp.

FREITAS, Maria Tereza Menezes; FIORENTINI, Dario. As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática. **Revista Horizontes**, v. 25, n. 1, p. 63-71, jan/jun. 2007.

GALIAZZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian da Silva (orgs). **Álbum do PIBID FURG**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 61 p. 2011.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em Educação**. Revista Ciência & Educação, v.11, n. 2, p. 327-345. 2005. Disponível em < [www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf)> Acesso em 20 de jan. de 2015.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. Barcelona: Laertes, 1998.

MELO, M. J. M. D. **Olhares sobre a formação do professor de Matemática. Imagem da profissão e escrita de si**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Natal/RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NACARATO, Adair M.; LOPES, Celi E. (Orgs.) **Indagações, reflexões e práticas em leituras e escritas na Educação Matemática**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2013.

PASSEGGI, Maria C.; VICENTINI, Paula P.; SOUZA, Elizeu C. (Orgs.) **Pesquisa (Auto) Biográfica – Narrativas de si e formação**. 1ª Ed.; Curitiba, PR: CRV, 2013.

PERES, Lúcia M. V.; ZANELLA, Andrisa K. (Orgs.). **Escritas de Autobiografias Educativas: O que dizemos e o que elas dizem?** Curitiba, PR: CRV, 2011.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever**. São Paulo: Saraiva, 2011.

Projeto Institucional PIBID FURG: “Diálogos em Roda” na formação acadêmico – profissional de professores na FURG. Anexo I. Edital nº 061/2013/CAPES – PIBID. Disponível em < <http://www.sinsc.furg.br/detalheseventos/63>> Acesso em 05 de junho de 2015.

SANTOS, Sandra. Explorações da linguagem escrita nas aulas de Matemática. In: NACARATO, Adair M.; LOPES, Celi E. (Orgs.) **Escritas e leituras na Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.